



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO
CAMPUS SÃO JOÃO DE MERITI COORDENAÇÃO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO**

THAYNAR CHRISTIAN PINHEIRO COELHO PEIXOTO

**SLAM DAS MINAS: LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA NO ENSINO DE
LITERATURA NA EJA**

São João de Meriti – RJ
2020

THAYNAR CHRISTIAN PINHEIRO COELHO PEIXOTO

**SLAM DAS MINAS: LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NO ENSINO DE
LITERATURA NA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Especialização em Práticas de Letramento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), como requisito para à obtenção do título de Especialista em Práticas de Letramento.

Orientadora: Prof^a. Me Maria Gabriela Mayworm de Castro

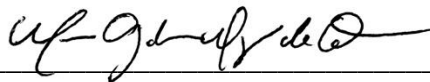
**SLAM DAS MINAS: LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NO ENSINO DE
LITERATURA NA EJA**

THAYNAR CHRISTIAN PINHEIRO COELHO PEIXOTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação lato sensu em Práticas de Letramento do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do certificado de Especialista em Práticas de Letramento.

Examinado por:

Prof^a Me. Maria Gabriella Mayworm de Castro
Instituto Federal do Rio de Janeiro Orientadora



Prof^a. Me. Rosângela Lannes Couto Cordeiro
Instituto Federal do Rio de Janeiro Membro Interno



Prof^a. Me. Luana Luna Teixeira
Instituto Federal do Rio de Janeiro Membro Interno



Prof^a. Me. Vanessa Moreno Mota
Instituto Federal do Rio de Janeiro-Niterói Membro Externo



AGRADECIMENTOS

A Deus por me proporcionar saúde e sabedoria em todo o processo de construção desse texto.

Ao IFRJ e ao corpo docente que se compromete com a luta antissexista e antirracista sob a ótica interseccional.

A minha querida orientadora, Maria Gabriella Mayworm de Castro, por ser uma mulher feminista, politicamente engajada nas lutas de mulheres, me conduzindo à horizontes e trajetórias construídas com muita força, coragem e ações para transformações.

A minha família.

As minhas amigas companheiras de jornada acadêmica: Amanda, Thaísa, Alexandra e Walquíria.

Por fim, agradeço a todos e todas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste TCC.

Antes que pudermos viver e amar, nós teremos que nos aprimorar numa irmandade revolucionária. Isso significa que nós devemos parar de defender os homens que nos

oprimem; que devemos nos recusar a alimentar, vestir e limpar após eles; que nós devemos impedir que eles tirem o seu sustento das nossas vidas.

Dworkin (1976, p. 17)

PEIXOTO, Thaynar Christian Pinheiro Coelho. **Slam das Minas: letramentos de reexistência no ensino de literatura na EJA**. 000f. Orientadora: Maria Gabriela Mayworm de Castro. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Práticas de Letramento), Instituto Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

RESUMO

O presente artigo tem como proposta apresentar um texto do coletivo Slam das Minas como uma possibilidade de prática de letramento de reexistência, no contexto do ensino de Literaturas para turmas da EJA. Baseado nos Novos Estudos de Letramentos (STREET, 2014), entende-se que a língua é uma prática social e que os letramentos são múltiplos e ideológicos, considerando as experiências de vida das pessoas são fundamentais para a construção de suas práticas letradas. O objetivo deste artigo é, além de refletir sobre essa prática de reexistência, destacando vozes da periferia que contam e recontam suas histórias, é propor a utilização de poemas do Slam das Minas em turmas da EJA, contribuindo assim para a problematização sobre as questões de gênero, identidade, raça e sociedade, ressaltando, dessa forma, a visibilidade e o reconhecimento da existência das mulheres enquanto seres humanos.

Palavras-chave: Slam das Minas, letramento de reexistência, EJA.

ABSTRACT

This article proposes the use of a text from the collective Slam das Minas, as a potent practice of literacies of resistance and with a critical perspective, for the teaching of Literatures in adult education. Based on the New Literacies Studies (STREET, 2014), we understand language as social practice and literacies as multiple and ideological, once people's personal experiences are crucial in order to understand our literacy practices. The aim of this article is to make a reflection on practices of resistance in literacies of the periphery, as authors write and rewrite their histories through the poems in Slam das Minas. We use those texts in the adult education in order to discuss gender, identity, race and society, with a focus on the recognition of women as people.

Keywords: Slam das Minas; literacies of resistance; EJA.

LISTA DE ABREVIACOES

EJA	Educação de Jovens e Adultos
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 VOZES DA PERIFERIA: SLAM DAS MINAS	13
3 LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EJA	14
4 PROPOSTA DE ATIVIDADE E ANÁLISE COM O POEMA GRITOS SILENCIADOS DE ANDRÉA BAK	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A	27
APÊNDICE B	29
APÊNDICE C	30

1 INTRODUÇÃO

A concepção de letramento que atravessa este trabalho está ancorada no que Street (2014) chama de modelo ideológico. Para Street (2014), o modelo ideológico de letramento é o resultado de práticas sociais de leitura e escrita, enquanto o modelo autônomo, ao contrário, é aquele baseado na compreensão de que o letramento ocorre por meio da linguagem, sem contexto. Ou seja, o modelo autônomo não é fundamentado no que as pessoas realmente fazem.

O letramento múltiplo e ideológico considera as experiências das pessoas como essencial para a compreensão das práticas letradas. Isto é, abrangem diferentes contextos em que o indivíduo está presente. Por isso, manifestações artísticas, literárias e culturais são consideradas práticas de letramento. A manifestação literária que apresentamos aqui pode ser compreendida como literatura periférica ou literatura marginal, uma vez que é produzida por sujeitos e territórios historicamente marginalizados, oferecendo resistência a projetos globais de exploração e apagamento.

No início do século, surge um movimento intitulado Literatura Marginal, em que as publicações literárias produzidas estavam vinculadas à margem do sistema editorial brasileiro, e em oposição aos cânones estabelecidos na Literatura Brasileira. Em 2005 é publicado na Revista Caros Amigos uma edição especial de Literatura Marginal com 48 autores da periferia e, a partir disto, Ferréz, um dos maiores nomes da Literatura Marginal, escreve os seguintes textos: “Terrorismo Literário” e o “Manifesto da Literatura Marginal”. Com isso, o autor

compõe uma investida contra os valores tradicionalistas e excludentes que constituem a literatura desde sempre. Assim, a representação dessa escrita é fundamental para que cidadãos marginalizados possam tomar seus lugares como escritores diante de uma sociedade repleta de preconceitos e fronteiras tidas como intransponíveis (VOGLER et al, 2013, p.86).

Deste modo, podemos pensar a literatura como uma ferramenta de engajamento social, político e pedagógico, que busca provocar reflexões e manifestar-se contra os problemas que afetam a sociedade, produzida e consumida por autores de grupos sociais diversos e espaços geográficos marginalizados, como as periferias.

Dentro deste cenário, surgem os SLAMS (encontros de poesia falada e performática, em forma de competição e com júri popular, criado em Chicago nos anos 80), expressando vozes de resistência na cultura jovem popular e negra.

A poetry slam, também chamada “batalha das letras”, tornou-se, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico no mundo todo, um novo fenômeno de poesia oral em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo, violência, drogas, entre outros, despertando a plateia para a reflexão, tomada de consciência e atitude política em relação a esses temas. Os campeonatos de poesias passam por etapas ao longo do ano, de fevereiro a novembro, são compostos de três rodadas e o vencedor, escolhido por cinco jurados da plateia, é premiado com livros e participa do Campeonato Brasileiro de Slam (Slam Br) (NEVES, 2017, p.98).

Surge em 2015, no Distrito Federal, o Slam das Minas, apenas com a participação de mulheres, e tratando de temas como machismo, homofobia e racismo. Em 2016 surgiu a versão paulista e, em 2017, no Rio de Janeiro.

De caráter crítico e politizado, o Slam das Minas pode ser considerado um letramento de reexistência (SOUZA, 2011), ou seja, é uma prática de liberdade, pois se propõe a ir de encontro a essa asserção de ensino de literatura (COSSON, 2009).

Letramento de reexistência como uma reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. A educação e a posse da palavra são marcada pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações (SOUZA, 2011, p. 33).

Neste trabalho, a perspectiva de letramento de reexistência (SOUZA, 2011) é utilizada com o objetivo de decolonizar (QUIJANO, 2005) a história da mulher (DAVIS, 2016)

enquanto figura subalternizada. Ao discorrer sobre o Slam das Minas enquanto texto no ensino de literatura, é preciso considerar seus atravessamentos de gênero, raça e classe nas vozes e nos corpos das autoras, assim como suas estratégias de organização, fortalecimento coletivo e enfrentamento à política de morte que ameaça suas vidas cotidianamente, assim como sua luta em defesa do seu direito à vida, ao reconhecimento de suas existências, através das suas poesias.

A violência sobre o corpo e a existência feminina ainda é um grande tabu dentro das escolas. Por isso, o objetivo desse artigo é apontar uma possível proposta didático-pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos, a partir das poesias do Slam das Minas, já que são textos que podem contribuir para a politização e o engajamento de mulheres, através do reconhecendo seus desafios cotidianos e do seu valor, trazendo à luz temas como silenciamento, sexualidade, estupro, feminicídio, direito reprodutivo e liberdade.

Considerando a faixa etária da EJA, esse debate permite que as alunas e alunos reflitam sobre problemas graves que afetam as mulheres, mas pouco são discutidos nos espaços legitimados, excluindo-se também do espaço escolar. Tal apagamento pode contribuir para a falsa ideia de que problemas que afetam as mulheres não existem, ou não são graves, ou não são importantes, ou são vergonhosos, e por isso não devem ser falados. Por esse motivo, consideramos que abrir debates no espaço escolar sobre problemas que afligem as mulheres é extremamente relevante. Assim, construímos culturalmente a percepção de que nós, mulheres, existimos, e nossos problemas não são menores ou secundários. Outrossim, esta pesquisa permeará as discussões feitas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004).

Ao se distanciar das práticas sociais, a escola perpetua um modelo autônomo de letramento e um currículo rígido e incompatível com as novas demandas sociais, ainda mais nos contextos periféricos. O ensino de literatura nas escolas nos permite refletir e questionar sobre “o que se ensina quando se ensina literatura? (REZENDE, 2013, p.99).

Existe uma preocupação de enquadrar a literatura enquanto disciplina que registra os estilos de época, reforçando que seu ensino conteudista deve, obrigatoriamente, se pautar na história da literatura, nos conjuntos de obras, dentre outras práticas escolares que enfatizam a relação entre o texto e o contexto (REZENDE, 2013, p.103) em uma mera tradição literária.

Entretanto, esse exercício não permite ao aluno/leitor construir interpretações e inferir significados. As explicações são prontas para justificar as respostas que foram dadas. Por isto, pretende-se levantar um debate sobre os letramentos de reexistência e o uso de poemas autorais de mulheres que participam e realizam o Slam das Minas, como proposta didático-pedagógica no ensino de literatura para turmas da Educação de Jovens e Adultos.

2 VOZES DA PERIFERIA: SLAM DAS MINAS

O Slam das Minas conta com a presença de coletivas, acadêmicas e artistas que lutam contra o preconceito, o racismo, o machismo e todas as formas de violência sobre o corpo feminino, utilizando a poesia como arma, artística e politicamente. No Brasil, teve início em 2015 e invadiu várias regiões e estados brasileiros, como o Rio de Janeiro. A proposta ganha muita adesão porque as próprias mulheres são protagonistas de suas histórias e encontram nesses espaços acolhimento, além de não serem censuradas e poderem se expressar livremente.

O microfone aberto é uma revolução da palavra. A extensão do ser através do som, do falar e do ser ouvido. O microfone, presente nos saraus, batalhas de rima, slams, oportuniza que esses autores/personagens narrem e contem suas próprias histórias através de um poema ou a letra de um rap (TAVARES, 2018,p.38).

O Slam das Minas possui um alto engajamento nas redes sociais, tendo milhares de acessos e visualizações. Moita Lopes (2010, p.40) afirma que, dentro desse espaço digital, “a politização da sexualidade e do gênero toma uma outra dimensão uma vez que a participação é aberta a todos, o que torna possível o engajamento mais democrático em tal temática assim como a negociação, a contestação e a disputa na construção dos significados”.

Os novos letramentos digitais como lugares de ativismo político ou de transgredir significados cristalizados, aumentando infinitamente os modos e lugares de ação sociopolítica na vida social. Implícito está aqui a ideia de que a Internet amplia as possibilidades de relacionamentos sociais para além dos horizontes tradicionais (do mundo da família, da escola, dos amigos, etc.), nos colocando de forma dramática frente a frente com a alteridade e com a politização da vida social (LOPES, 2010, p.398).

As vozes que surgem das periferias e que são femininas e negras, foram silenciadas no decorrer da história. Tais práticas culturais, permitem que esses sujeitos tenham visibilidade e

protagonismo. Mey (1998) comenta que as vozes individuais representam as formações sociais e os seus sub-discursos específicos. Sobre isso ele diz:

Produzimos uma ideologia através do discurso, do mesmo modo que a ideologia nos produz, como membros da comunidade do discurso. Uma ‘voz’ atribuída a uma determinada comunidade ou a um membro dessa comunidade é, portanto, um conceito dialético que deve ser entendido como alguma coisa que está relacionada à produção individual e social e que emerge através dela. Este aspecto é extremamente importante quando se discute o valor do letramento em uma certa sociedade. O letramento, também, é o produto de uma participação ativa em alguma atividade social, que produz uma certa disposição; entretanto, a maneira com que se participa de tal atividade e, conseqüentemente, a voz que se é capaz de assumir, depende intensamente da maneira com que se está integrado nas formações que estão na base dessas disposições (MEY, 1998, p.4)

Pensando nestas questões, como os poemas do Slam das Minas podem contribuir com a visibilidade e o reconhecimento da existência das mulheres enquanto pessoas? (DWORKIN,1987). De que modo a leitura do Slam das Minas no contexto escolar pode provocar uma releitura de noções de “mulher” e de violência, ao romper com silenciamentos históricos sobre as violências produzidas sobre nossos corpos?

De que maneira uma proposta didático-pedagógica, com as poesias do Slam das Minas, possibilita novas compreensões acerca do ensino da literatura a partir da pedagogia dos letramentos de reexistência (SOUZA, 2011) que se coloca, aqui, no enfrentamento à violência sobre o corpo feminino e estratégia de luta decolonial principalmente na escola?

É fundamental o papel da escola na disseminação dos “slams”, pois por meio deles os alunos expressam “seus modos de existir” e suas reivindicações por “uma cultura jovem, popular, negra e pobre, de moradores da periferia, bem diferentes do gosto canônico, branco e de classe média”. Ao recriarem a cultura oficialmente escolar letrada, esses alunos se tornam “agentes de letramentos de reexistência”, e os slams, dessa maneira, são seus porta-vozes, pelos quais demonstram sua revolta, sua identidade e resistência. É preciso resistir para existir. Poesia é reexistência”, enfatizando o desafio com que se deparam as escolas diante dessa nova poesia contemporânea (NEVES, 2017, p.110).

3 LETRAMENTO DE REEXISTÊNCIA: REFLEXÕES PARA O ENSINO DE LITERATURA NA EJA

Todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Para Bakhtin (1992), o enunciado, diferentemente da palavra, é a unidade real do discurso e se dá na comunicação social, sendo resultante de uma “memória discursiva”. O autor afirma que gêneros do discurso são os tipos relativamente estáveis de enunciados, determinados sócio historicamente. A partir desse diálogo polifônico (BAKHTIN, 1992), é construída a consciência individual do falante.

Logo, isso se expressa também nos poemas que emergem cheios de fôlego e luta, das mulheres que participam e constroem o Slam das Minas. Ou seja, suas falas são suas, mas não são apenas individuais, são coletivas e históricas. A literatura e a poesia andam de braços dados e, ao recorrer a esse gênero discursivo (BAKHTIN, 1992) para o ensino de literaturas de reexistência em sala de aula, estamos afirmando um posicionamento político e ideológico frente às questões de gênero e raça, dentro e fora da sala de aula.

Além disso, o trabalho com gêneros da literatura nos permite abordar práticas de uso reflexivo, dinâmico e ideológico das leituras dos textos multimodais, que são atravessados pelo contexto em que são produzidos. Dessa forma, a instituição escolar deve contribuir na composição da cultura literária do educando por meio da mediação crítica do educador, além de se questionar “o que se ensina quando se ensina literatura?” (REZENDE, 2013, p.99).

Nesse sentido, são importantes as seleções de textos que compõem a tradição de uma comunidade, as informações sobre as condições de produção e circulação dos textos em termos históricos e o conhecimento da estrutura desses textos e seu funcionamento interno, desde que esses elementos estejam a serviço da experiência literária. Não vale a pena a posse de todos esses dados sem a leitura efetiva dos textos literários, assim como também a simples fruição do texto não assegura o desenvolvimento do repertório do aluno. (PAULINO, et al, 2009, p. 75-76)

Alguns dos problemas que observamos na Educação para Jovens e Adultos (EJA), são os conteúdos apresentados de forma descontextualizada, distanciados da realidade dos estudantes. Com frequência os alunos se deparam com atividades que não compõem uma reflexão, e seus conhecimentos prévios não são levados em consideração. Existe pouquíssimo diálogo entre professor e aluno, ou seja, o ensino é mecânico, artificial e descontextualizado.

Ensinar literatura em turmas do EJA utilizando poemas de mulheres do Slam das Minas, que vêm de um contexto periférico, e que conversa com o cotidiano desses alunos e alunas, garante um clima de troca entre aluno e professor, de afeto, companheirismo e

reflexão sobre o mundo e a sociedade. A troca de experiências e saberes é o caminho para que a aluna e o aluno do EJA avancem no processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, apropriar-se socialmente da escrita, pelos seus usos sociais, é diferente de somente aprender a ler e a escrever. De acordo com Soares (1998), o que muda nesse indivíduo que apresenta bom nível de letramento é o seu lugar social, a sua forma de inserção, pois ele passa a usufruir de outra condição social e cultural. Nesse sentido, o que a EJA deve fazer por esses sujeitos, que tardiamente buscam aprender a leitura e a escrita, é educá-los para fazer uso dessas habilidades em suas práticas cotidianas e necessidades sociais. Conforme mostra Moreira (2003), é necessário dimensionar o valor da leitura para usos de funcionamento em sociedade, direcioná-la para as necessidades do trabalho e da vida social, além de aplicar a leitura e a escrita no desempenho de tarefas (SILVA, et al, 2019, p.16).

Entender como o racismo foi projetado e continua se mantendo na nossa sociedade até os dias atuais, requer uma racionalização em torno do que foi idealizado e construído no processo de colonização europeia no Brasil (SOUZA, 2017), e como esse planejamento afetou e afeta as nossas relações socioculturais legitimando a supremacia patriarcal e racial. Todo esse resgate histórico é importante para que, a partir de então, seja possível pensar e agir em torno de ressignificações dessas relações de gênero, e étnico-raciais.

A relação entre dominantes e dominados foi historicamente marcada pela criação de noções falsas de superioridade e inferioridade, onde os fenótipos e práticas sociais dos grupos que foram denominados viraram, através do uso repetitivo de brutalidade material e simbólica, marginalizados economicamente, em sua cultura, produção de conhecimento, religião etc.

Para auxiliar na ruptura desse paradigma colonial que permanece ainda na atualidade, temos como aliada as Ações Afirmativas que vêm gerando novos embates e possibilidades para a sociedade. Uma delas é alteração do artigo 26 da LDB promovida pela lei 10.639/03 que foi considerada a primeira ação afirmativa na educação brasileira visando implementar mecanismos de combate às desigualdades sociais assegurando um espaço democrático em oportunidades para toda a população.

Como resposta a essa grande demanda por reparos aos anos de atrasos que foram impostos a população negra, nas Diretrizes para as relações étnico-raciais encontramos as seguintes palavras:

A demanda por reparações visa que o Estado e a sociedade tomem medidas para ressarcir os descendentes de africanos negros, dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos e educacionais sofridos sob regime escravista, bem como em virtude das políticas explícitas ou tácitas de branqueamento da população, de manutenção de privilégios exclusivos para grupos com poder de governar e de influir na formulação de políticas, no pós-abolição. Visa também a que tais medidas se concretizem em iniciativas de combate ao racismo e a toda sorte de discriminação (BRASIL, 2004, p.11).

De modo geral, políticas de ação afirmativa são intervenções pensadas por determinados grupos sociais engajados politicamente com a luta sobre as questões étnico-raciais e suas intercessões e garantidas pelo Estado com o objetivo de eliminar ou implementar mecanismos de combate às diversas formas de desigualdades sociais que foram historicamente acumuladas, e pesam sobretudo sobre negros e negras.

Nesse sentido o Slam das Minas, enquanto práticas de performances artísticas e literárias, orais e subversivas, feitas em espaços públicos e majoritariamente compostos por mulheres periféricas e negras, possibilita a ressignificação de posturas machistas, sexistas, homofóbicas, racistas e de violência contra mulheres aprofundando debates sobre mulher e raça.

4 PROPOSTA DE ATIVIDADE E ANÁLISE COM O POEMA GRITOS SILENCIADOS DE ANDRÉA BAK

Um nome de grande visibilidade dessa cena nacional de Slams, é o de Andréa Bak, carioca, estudante e com apenas 18 anos de idade. A jovem, além de ser integrante do Slam das Minas, faz parte do grupo de rap Nefertaris Vandal, seu trabalho autoral e poético conta a história do povo negro, os cotidianos nas cidades a partir da perspectiva de mulheres negras periféricas.

Ativista e militante do movimento negro e estudantil, ela afirma ser fundamental para a construção de identidades de crianças e jovens negros, a exaltação e apresentação de negros e negras como aqueles que constroem a sociedade. ‘Se você aprende que é somente

descendente de escravizado, terá qual perspectiva? Quando a gente conhece nossa história, a gente sabe traçar nosso futuro¹, afirma a jovem poeta.

Com os escritos dessa jovem poeta e tantas outras, conseguimos debater sobre o quanto a escola precisa repensar seu papel na sociedade a partir de uma análise crítica feita sob o sistema patriarcal que sustenta as relações de poder e opressões estabelecidas em nosso meio e tomar posturas antirracistas e feministas, apresentando outras perspectivas de literaturas enquanto espaços de resistência, criando visibilidade e proporcionando o protagonismo principalmente de mulheres, de maneira que nós sejamos apresentadas como agentes transformadores, artistas, cientistas, arquitetas, escritoras e o que desejarmos ser.

Diante dessas ponderações, o texto de Andréa Bak – “Gritos Silenciados” é convidativo a um desmonte de uma educação patriarcal e por esse motivo, será utilizado como base da proposta de atividade.

Gritos Silenciados – Andréa Bak

Lesões
Opressões
Que nunca serão apagados

Torturada
Esquecida
Ninguém me escutava
Só no olhar
Me sentia engolida
Pela insegurança
Várias vezes eu fui reprimida

Só queria não ter medo de andar na noite
sozinha
Só queria que ele fosse visto como agressor e
Que a culpa não fosse minha

Só queria que as minhas denúncias tivessem
efeito
Só queria que não sexualizassem o meu peito

¹https://www.huffpostbrasil.com/2018/12/27/andrea-bak-o-nome-que-da-forca-a-nova-geracao-do-rap-feminino_a23626910/

Só queria ter tido a escolha de não querer
transar
Só queria de
No mínimo
Optar por não ter aquele filho

Ter decisão sobre o meu próprio corpo?
Nem cogitar podia, causava um alvoroço

Não pude escolher
“engravidou por quis, o bebê não pode morrer”
- Mas eu só tenho 14 anos
“Ah, abriu as pernas porque quis”
- Mas eles me forçaram
“Você que os provocou, quem mandou usar
essa saia curta”
- Eu pensava que pudesse usar qualquer roupa,
mas...

“Shiiii, mas nada! Vai ter que nascer”
E depois de escutar isso
Não imaginava mais como viver
Não tive a escolha
E no fim
Acabou sendo eu e ele...

E essa história, é de uma menina
De uma menina qualquer que é vítima do
feminicídio
Numa sociedade onde se sustenta com o
machismo
De mais uma menina qualquer que teve seu
sangue
compartilhado com um bisturi ilegal
Uma menina qualquer que tem debaixo da
terra seu resquício
carnal
Uma menina qualquer que num
Intervalo de 11 minutos
Acabou de morrer por estupro

Escolhemos esse texto pois ele aborda as violências ao corpo da mulher, simplesmente por ser mulher. O uso dessa literatura em sala de aula contribui na desconstrução de uma história que é fundamentada no discurso de poder e superioridade que culmina em práticas sexistas, machistas e misóginas, que evidencia a mulher, negra e periférica enquanto um ser subalterno, além de criar oportunidades ao educando na reconstrução ideológica e identitária enquanto sujeito.

Para tanto, após a leitura do texto, algumas perguntas norteadoras serão importantes para a condução do debate. Veja:

- a) Vocês gostam de poesia? E de rap? Quais são os poemas que vocês conhecem? De quem são?
- b) Quais escritoras você conhece? Quem é a autora deste texto? Sabendo que este texto é uma poesia de slam, como ele é criado e divulgado?
- c) Na sétima estrofe há algumas falas entre aspas (“”). Sabendo que as aspas são usadas para expressar vozes de outras pessoas, de quem podem ser as falas que estão entre aspas nessa estrofe?
- d) Quais temáticas o texto aborda? Retire trechos do texto que justifiquem sua resposta.
- e) Questões como as mostradas no poema acontecem na vida real? Discuta com suas/seus colegas sobre a relevância social desse texto e apresente seu posicionamento.
- f) Destaque e comente um trecho do texto que tenha relevância para você.

Cada educando traz consigo experiências e vivências singulares que trarão sentidos e afetos distintos sobre o texto. Sendo assim, os próprios alunos poderão apontar rumos de reflexões a respeito da leitura feita.

Com essas perguntas, o professor pode mediar um debate sobre a familiaridade dos alunos com o gênero poema, indagando quem são os autores/autoras que eles conhecem, quais são as leituras que conhecem a respeito das vivências das mulheres. Acreditamos que não sejam muitas as leituras disponíveis para os estudantes a respeito da objetificação dos nossos corpos, e a construção de um sistema político que explora o nosso trabalho, assim como leituras que exteriorizem nossos medos, angústias e lutas diárias.

Sendo o Slam das Minas a oralização de batalhas através de versos por mulheres, no que se refere aos estudos sobre gênero, Davis (2005) ao se reportar à memória do lugar da mulher negra construído por estereótipos maléficos e a violência sofrida por esse grupo enquanto artifício de preservação do período escravocrata, afirma que a discriminação racial é um problema estrutural, e que a militância desempenhada pelos grupos que combatem práticas opressoras e segregacionistas é uma tentativa de sobrevivência.

A partir disso, a autora também relata o conceito da interseccionalidade - termo cunhado por Crenshaw (2002) como forma de alcançar as vivências dessas mulheres segundo

os papéis desempenhados socialmente, concretizados nas diferentes formas em que se configura a identidade desses sujeitos.

O texto lido é um poema. Essa literatura também nos proporciona questões concretas de análise feminista (DWORKIN, 1981), no tocante às violências sobre nossos corpos e nos conduz a um movimento de resistência aos discursos hegemônicos tão cristalizados em nossa sociedade patriarcal.

A propósito disso, algumas questões de abordagem sobre o texto foram pensadas a partir de um viés crítico. Veja a questão:

- I. O poema Gritos Silenciados da escritora e slammer Andréa Bak, trata da violência vivida por mulheres e suas consequências emocionais, físicas e psicológicas. A autora do poema faz parte do movimento cultural feminista SLAM DAS MINAS que usa a poesia como manifestação social e política. A partir de sua leitura, como o texto pode contribuir para debates sobre os direitos e as condições de vida das mulheres? Utilize fragmentos para justificar sua resposta.

Nesse primeiro momento, a proposta é que o aluno e aluna comecem a refletir acerca do feminismo a partir das questões apresentadas pelos versos do poema, e que isso gere um debate inicial sobre a luta feminista, sua história e importância na contemporaneidade.

Tratar sobre mulheres e raça, por exemplo, são questões invisibilizadas, pois existe um sistema político que oprime, negligência e exclui essa classe minorizada e faz com que suas necessidades sejam apenas percebidas como de caráter individual quando são coletivas.

Com isso, entender que esses entraves históricos ocasionam consequências de ordem social, física, psicológica e emocional às mulheres periféricas, onde a violação dos seus direitos é marcada por violências, é preciso alertar para o fato de que as desigualdades sociais não se iniciam tampouco finalizam na perspectiva de gênero.

Em sequência às perguntas apresentadas anteriormente, outra questão proposta é:

- II. Na nona estrofe a autora fala “E essa história, é de uma menina. De uma menina qualquer que é vítima do feminicídio. Numa sociedade onde se sustenta com o machismo”. Comente sobre feminicídio e explique em que sentido podemos compreender a escolha da autora ao chamar a personagem de “uma menina qualquer”.

O objetivo dessa questão é conceituar o feminicídio como crime de ódio baseado no gênero, o que difere, por exemplo, do homicídio. Em 2015, foi sancionada no país, a Lei nº 13.104/15 do Feminicídio, o homicídio ocorrido contra uma mulher em decorrência de discriminação de gênero, ou seja, condição social de mulher, podendo também ser motivado

ou concomitante com violência doméstica. Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), o Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo, quase sempre elas são vítimas de companheiros ou familiares). Obs.: Vale colocar manchetes de jornas dos últimos casos de feminicídio e assim, pedir para identificarem, a partir da leitura da matéria, o porquê é um crime de feminicídio e não homicídio e o que é apontado no poema como feminicídio. Em seguida, apresentamos a pergunta:

- III. Segundo a Lei Maria da Penha (Lei nº11.340/2006), existem cinco tipos de violência contra mulher: física, sexual, patrimonial, psicológica e moral. Identifique nos versos do poema quais violências sofridas pela personagem e explique-as com suas palavras.

A questão visa a aprofundar a percepção da experiência individualizada no sujeito, para conceptualizar essas violências como sociais, esmiuçando os cinco tipos de violência contra mulher. A violência física é entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da mulher, como por exemplo: espancamento, atirar objetos, sacudir, apertar os braços, lesões, tortura etc. A violência psicológica é considerada conduta que cause danos emocional e diminuição da autoestima, como exemplo: ameaças, constrangimento, humilhação, manipulação, vigilância constante etc. A violência sexual trata-se de qualquer conduta que constranja a presenciar, a manter ou participar de relação sexual não desejada mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força, como exemplo; estupro, obrigar a mulher a fazer atos sexuais que causam desconforto ou repulsa, impedir o uso de métodos contraceptivos ou força a mulher a abortar etc. A violência patrimonial é entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais etc. E a violência moral é qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria, por exemplo, acusar a mulher de traição, desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir etc. A seguir, a próxima questão a ser respondida:

- IV. “Só queria não ter medo de andar na noite sozinha” (verso 11), com essa afirmação a autora expressa o quanto o direito à cidade, para mulheres, é diferenciado. Andar sozinha nas ruas é sinônimo de perigo. Pensando em soluções para violência de gênero e mais segurança no espaço público, quais caminhos no âmbito de políticas públicas o governo poderia adotar?

Nessa questão, o aluno/a aluna são convidados a pensarem soluções acerca do direito à cidade para as mulheres. Entende-se como direito à cidade, direitos relacionados à cidade, à moradia, e à reivindicação por melhores condições de vida. Um urbanismo igualitário que

proporcione verdadeira igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, sem qualquer discriminação de sexo ou orientação sexual, por exemplo. Consideramos fundamental que o texto seja aprofundado e não sirva apenas como pretexto para questões que o extrapolam. Entretanto, para além de mergulhar no texto internamente, extrapolar também o texto para que este se desdobre sobre a realidade concreta das/os estudantes é fundamental. Apresentamos agora a seguinte indagação:

- V. O índice de estupro é maior dentro das casas do que em outros ambientes. Isso faz com que meninas e mulheres não estejam seguras dentro de suas próprias casas. Na sexta estrofe do poema, a autora comenta sobre o aborto e faz o questionamento “ter decisão sobre meu próprio corpo? Nem cogitar podia, causava um alvoroço” (versos 23, 24). No texto, o que significa não poder decidir sobre o próprio corpo? Quem sofre as consequências desta escolha negada e que consequências são essas? A partir das reflexões geradas pelo texto, discorra sobre a interrupção da gravidez no Brasil.

Esse trecho do poema abre o debate acerca de uma grande polêmica no país e nas pautas levantadas pelo feminismo: a descriminalização do aborto. Segundo o movimento, o aborto na maioria das vezes é discutido a partir de crenças e não de fatos. Alguns argumentos levantados são: os anticoncepcionais falham, ou seja, não importa o quanto você tome cuidado, ainda há chance de ter uma gravidez indesejada. Outro ponto é que independentemente da lei, as mulheres abortam e isso afeta o acesso das mulheres a um abortamento em condições seguras. Outro ponto é que a criminalização estimula práticas perigosas e as mulheres morrem por isso, e os riscos são maiores para mulheres negras e pobres.

Independente do posicionamento pró ou contra a descriminalização do aborto, é importante que exista um espaço de discussão respeitosa, em que se reconhece a existência da questão que é um tabu social, e que tem forte impacto sobre as vidas das mulheres, principalmente mulheres periféricas e negras.

Aqui, podemos discutir também sobre a sociedade preocupar-se com o feto, mas não com as vidas das crianças geradas, quando são então reduzidas a estatísticas da violência policial, por exemplo, e do abandono do estado de um modo geral, já que são as mães (e outras mulheres da família), e não o Estado, as únicas responsabilizadas pela geração e manutenção das vidas das crianças, quando faltam serviços públicos básicos como saúde, cuidado, alimentação, educação, lazer, esporte, etc, que acabam sendo realizados de forma precarizada e geralmente pouco ou nada remunerada por mulheres.

Por último, nas discussões, agora o educando seria provocado a produzir um texto narrativo, de até 30 linhas, sobre “Memórias de Mulheres”. Nele, o aluno poderá narrar a sua história de vida ou de alguma outra pessoa próxima. É importante que a protagonista do seu texto seja uma MULHER.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as considerações aqui promovidas buscam ir ao encontro práticas que possam contribuir para a efetivação de uma pedagogia decolonial que aponte para a necessidade de melhor compreender a figura social de mulher, raça, classe social e as suas várias formas de manifestação na sociedade, na cultura e na relação dialógica entre os cidadãos. Portanto, ter na comunidade um grupo que trabalhe de forma comprometida a efetivação de práticas que valorizem as mulheres, principalmente marginalizadas, suas produções culturais, diversidades e expressões, seja através da arte, da música ou literatura em espaços formais de educação é fundamental para promover uma sociedade melhor, mais digna e democrática.

Partindo desse pressuposto, o Letramento de Reexistência amplia as oportunidades de interpretação do texto, não o tomando de forma engessada, passível de apenas uma resposta, mas como fonte de múltiplas leituras significativas.

Tomando as poesias do Slam das Minas enquanto ferramenta para uma proposta didático pedagógica às turmas de Educação de Jovens e Adultos e encarando-as enquanto práticas de letramentos de reexistência, elas se transformam em ferramentas no ensino de literatura, visto que tais poemas tratam de temas relacionados com as realidades desses alunos, principalmente, das alunas, que são mães e sofrem com o patriarcado. Além disso, os usos destes poemas oportunizam que as alunas e alunos reconheçam histórias que poderiam ser suas próprias, sendo contadas, declamadas, escritas e lidas. Com isso, a aula se torna um espaço de geração de debate, reflexão sobre nossa própria existência, autoria e protagonismo

Acerca desse debate, é importante indagarmos com nossos alunos sobre a estrutura que sustenta o papel da mulher, questões que envolvem o racismo e o sistema de classes sociais. Não basta apenas o definirmos como um problema social, pois existe uma construção histórica e uma política de etnia eurocêntrica que ratifica esses paradigmas. É necessário conscientizarmos os

Nossos educandos sobre suas causas, consequências e permanência em nosso meio, no entanto, cabe a nós educadores, desbravar caminhos que criem oportunidades para o indivíduo pensar, interferir e (re)construir significados, refletindo sobre os diferentes papéis sociais contemporâneos e, nesse processo, compreendermos sob quais perspectivas o sujeito é levado a indagar sobre as tensões atravessadas pelas desigualdades sociais e seus desdobramentos.

REFERÊNCIAS

- AMORIN, Marcel Álvaro de; SILVA, Tiago Cavalcante da Silva. O Ensino de Literaturas na BNCC: discursos e (re)existências possíveis. In: GERHARDT, Ana Flavia Lopes Magela;
- AMORIM, Marcel Álvaro de (Orgs.). A BNCC e o ensino de línguas e literaturas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Trad. Maria Ermantina Galvão; rev. trad. Marina Appenzeller. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura AfroBrasileira e Africana. Parecer CNE/CP3/2004, 10 março de 2004.
- _____. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília : MEC, 1996.
- COSSON, R. "Letramento literário: uma localização necessária". Letras & Letras, v. 31, n. 3, jul./dez. 2015, p. 173-187.
- _____, R. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____, R. Círculos de Leitura e letramento literário. São Paulo: Contexto, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé. "Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero". Estudos Feministas". V. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DWORKIN, A. Our Blood. New York, Harper and Row, 1976. JORDÃO, Clarissa Menezes. Letramento Crítico: complexidade relativismo em discurso. In: CALVO, L.C.S.; ELKADRI, M.S.; ORTENZI, D. I. B. G; SILVA, K. A. (org.). Reflexões sobre ensino de línguas e formação de professores no Brasil – uma homenagem a professora Telma Gimenez. Campinas: Pontes Editores, 2013. p. 349-370.
- LOPEZ, Luiz Paulo Moita. Os novos letramentos digitais como lugares de construção do ativismo político sobre sexualidade e gênero. Trab, Ling. Aplic., Campinas, 49(2):393-417, Jul./Dez. 2010.
- MEY, Jacob L.. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. DELTA [online]. 1998, vol.14, n.2, pp.331-348. ISSN 1678-460X.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

NEVES, Cynthia Agra de Brito. Slams – letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017. ISSN:2236-4242. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/134615>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Buenos Aires: ed. CLACSO, 2005. pdf. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso: 02/12/2019.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; _____, N. L. de.; JOUVER-FALEIROS, R. (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

SILVA, et al. O conhecimento prévio do aluno da EJA em questão: uma análise do universo do aluno do EJA e seus saberes culturais. *Revista PROLETRAS Alfabetização e Letramento*, 2019.

SOUZA, Jessé de. *A Elite do atraso: da escavidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

STREET, Brian V. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TAVARES, Janaina Coutinho. *Sarau “V” e os letramentos que nos atravessam nos espaços periféricos*. UFRRJ, 2018.

APÊNDICE A

Proposta didático-pedagógica de ensino de literatura em turmas do EJA, a partir do SLAM DAS MINAS.

PARA LER E COMPREENDER

Gritos Silenciados – Andréa Bak

Lesões
Opressões
Que nunca serão apagados

Torturada
Esquecida
Ninguém me escutava
Só no olhar
Me sentia engolida
Pela insegurança
Várias vezes eu fui reprimida
Só queria não ter medo de andar na noite sozinha
Só queria que ele fosse visto como agressor e
Que a culpa não fosse minha

Só queria que as minhas denúncias tivessem efeito
Só queria que não sexualizassem o meu peito

Só queria ter tido a escolha de não querer transar
Só queria de
No mínimo
Optar por não ter aquele filho

Ter decisão sobre o meu próprio corpo?
Nem cogitar podia, causava um alvoroço

Não pude escolher
“engravidou por quis, o bebê não pode morrer”
- Mas eu só tenho 14 anos
“Ah, abriu as pernas porque quis”
- Mas eles me forçaram
“Você que os provocou, quem mandou usar essa saia curta”
- Eu pensava que pudesse usar qualquer roupa, mas...

“Shiiii, mas nada! Vai ter que nascer”
E depois de escutar isso
Não imaginava mais como viver
Não tive a escolha
E no fim
Acabou sendo eu e ele...

E essa história, é de uma menina
De uma menina qualquer que é vítima do feminicídio
Numa sociedade onde se sustenta com o machismo

De mais uma menina qualquer que teve seu sangue
compartilhado com um bisturi ilegal
Uma menina qualquer que tem debaixo da terra seu resquício

carnal
Uma menina qualquer que num
Intervalo de 11 minutos
Acabou de morrer por estupro

APÊNDICE B

PERGUNTAS NORTEADORAS

1. Vocês gostam de poesia? E de rap? Quais são os poemas que vocês conhecem? De quem são?
2. Quais escritoras você conhece? Quem é a autora deste texto? Sabendo que este texto é uma poesia de slam, como ele é criado e divulgado?

3. Na sétima estrofe há algumas falas entre aspas (“”). Sabendo que as aspas são usadas para expressar vozes de outras pessoas, de quem podem ser as falas que estão entre aspas nessa estrofe?
4. Quais temáticas o texto aborda? Retire trechos do texto que justifiquem sua resposta.
5. Questões como as mostradas no poema acontecem na vida real? Discuta com suas/seus colegas sobre a relevância social desse texto e apresente seu posicionamento.
6. Destaque e comente um trecho do texto que tenha relevância para você.

APÊNDICE C

ATIVIDADE I.

Responda:

- 1) O poema Gritos Silenciados da escritora e slammer Andréa Bak, trata da violência vivida por mulheres e suas consequências emocionais, físicas e psicológicas. A autora do poema faz parte do movimento cultural feminista SLAM DAS MINAS que usa a poesia como manifestação social e política. A partir de sua leitura, como o texto pode contribuir para debates sobre os direitos e as condições de vida das mulheres? Utilize fragmentos para justificar sua resposta.
- 2) Na nona estrofe a autora fala “E essa história, é de uma menina. De uma menina qualquer que é vítima do feminicídio. Numa sociedade onde se sustenta com o machismo”. Comente sobre feminicídio e explique em que sentido podemos compreender a escolha da autora ao chamar a personagem de “uma menina qualquer”.
- 3) Segundo a Lei Maria da Penha (Lei nº11.340/2006), existem cinco tipos de violência contra mulher: física, sexual, patrimonial, psicológica e moral. Identifique nos versos do poema quais violências sofridas pela personagem e explique-as com suas palavras.
- 4) Segundo a Lei Maria da Penha (Lei nº11.340/2006), existem cinco tipos de violência contra mulher: física, sexual, patrimonial, psicológica e moral. Identifique nos versos do poema quais violências sofridas pela personagem e explique-as com suas palavras.
- 5) O índice de estupro é maior dentro das casas do que em outros ambientes. Isso faz com que meninas e mulheres não estejam seguras dentro de suas próprias casas. Na sexta estrofe do poema, a autora comenta sobre o aborto e faz o questionamento “ter decisão sobre meu próprio corpo? Nem cogitar podia, causava um alvoroço” (versos 23, 24). No texto, o que significa não poder decidir sobre o próprio corpo? Quem sofre as consequências desta escolha negada e que consequências são essas? A partir das reflexões geradas pelo texto, discorra sobre a interrupção da gravidez no Brasil.

ATIVIDADE II

Com base na aula e nas discussões, agora você deverá produzir um texto narrativo, de até 30 linhas, sobre “Memórias de Mulheres Periféricas”. Nele, você poderá narrar a sua história de vida ou de alguma outra pessoa próxima a ti. É importante que a protagonista do seu texto seja uma MULHER.